

Mensagem às Professoras e aos Professores

Prezadas Professoras, Prezados Professores,

No dia 15 de outubro, comemoramos nosso dia! É uma data extremamente significativa, mas inserida numa enorme complexidade, agravada pelo contexto da pandemia da Covid-19, em que os Professores têm desempenhado um papel essencial.

É com muito carinho e respeito que dirijo estas palavras aos colegas que estão no chão da sala de aula e da escola buscando fazer uma educação democrática e humanizadora!

1. Bonitezas da Docência

- Quem (pessoal e coletivamente) vai propiciar à criança/jovem/adulto, de forma fundamentada e crítica, a descoberta de que um outro mundo é possível?
- Quem vai ajudar a criança a se “desgrudar” do aqui e do agora, a navegar no tempo e no espaço, a sair da ditadura do presente, do concreto, a transitar pelo abstrato, pelo categorial, e voltar ao concreto com instrumentos para sua transformação?
- Quem vai ajudar a garantir o direito inalienável de acesso à cultura que toda criança/todo ser humano tem, cuidando para que cada um e todos aprendam, se desenvolvam e sejam felizes?
- Quem vai ajudar a criança, o jovem e o adulto a experimentar que o conhecimento liberta?

A Docência é uma das Atividades Humanas mais bonitas e complexas!

O Prof. António Nóvoa, um dos maiores especialistas em profissão docente, sempre afirma que “Nada substitui um bom Professor!” Mas, notem bem, ele não diz “nada substitui um professor”, e sim “um **bom** professor! Ser “dador de aula”, “tomador de conta de aluno”, “piloto de livro didático” é bastante elementar. Uma coisa é ensinar algo a alguém, coisa que qualquer um pode fazer; outra, muito diferente é ensinar os saberes necessários a todos: isto é coisa de mestre!

O pressuposto do Professor democrático, humanizador, socialmente justo é o de que todo ser humano é capaz de aprender, se forem dadas as condições; e, se não está sendo capaz, tem de ser ajudado e não excluído. Para ter este olhar, esta acolhida, esta posição ativa, dialógica, problematizadora, mediadora, que se compromete com a superação das dificuldades de todos, e especialmente daqueles que mais precisam, é necessário o amor radical. Isto nos remete diretamente à definição da identidade docente: **é possível ser professor sem um profundo amor pela humanidade?** E para que isso não fique como uma questão genérica, para que esse amor não caia nas armadilhas ideológicas que estão colocadas, para que não seja equivocado, ainda que sem a menor consciência disso,

inspirados por Paulo Freire avançamos no questionamento: **é possível ser professor, no autêntico sentido, sem o amor pelos oprimidos, pelos esfarrapados?** *Esfarrapado* aqui não só no sentido material, mas também moral, afetivo e/ou cognitivo. Há esfarrapados também dentro de uma escola de classe alta. Trata-se de superar o amor ingênuo em direção a esse amor crítico, radical (radical é o que vai à raiz), que se revela no compromisso efetivo com a aprendizagem de cada um e de todos (“*Ou você aprende, ou... você aprende!*”), a partir de um projeto libertador.

Ser Professor, no autêntico sentido, portanto, é extremamente complexo, pois implica estar visceralmente comprometido com a:

- Aprendizagem Efetiva
- Desenvolvimento Humano Pleno e
- Alegria Crítica (*Docta Gaudium*)

por parte de cada um e de todos os educandos, através da apropriação crítica, criativa, significativa e duradoura dos saberes necessários (conceituais, procedimentais e atitudinais – Proposta Curricular) visando a potencialização da consciência, do caráter, da cidadania e da formação para o trabalho, pautada na solidariedade, na autonomia, na justiça, na paz e na responsabilidade.

Em função de toda esta complexidade, o Professor deve ser muito valorizado, respeitado e muito bem formado! Indicamos, a seguir, algumas Saberes Necessários para o exercício consciente e crítico da Docência:

Campo	Abrangência
1. Saberes Éticos, Políticos, Estéticos, Filosóficos, Afetivos	Saberes de Humanidade; constituição do Ser Humano (x Humanopatia); Ser Gente
2. Saberes da Atividade Humana	Sentir, Pensar e Fazer; Dimensões da Atividade Humana; Condições de Realização da Atividade Humana; Dialética Objetividade-Subjetividade; Pensamento (Relação Teoria-Prática; Armadilhas); Linguagem
3. Saberes da Área de Conhecimento	Saberes Disciplinares, na perspectiva da Complexidade, abordagem Inter/Transdisciplinar
4. Saberes da Profissão Docente	Legislação e Normatização; Estrutura e Governança dos Sistemas Educacionais; Cultura Escolar; Gestão Escolar (PPP, Conselho Escolar, Trabalho Coletivo, Relação com a Comunidade, etc.); Organização Profissional da Categoria; Ética Profissional
5. Saberes Pedagógicos	Ciências da Educação; Sentido da Atividade Educativa; Saberes Didáticos (planejamento, objetivos, trabalho com o conhecimento -conteúdo, metodologia-, relacionamento interpessoal, organização da coletividade em sala de aula, avaliação, etc.); Saberes Curriculares (“conhecimento pedagógico do conteúdo”), etc.

2. Contradições da Realidade e da Docência

Por outro lado, a Atividade Docente, muitas vezes, é também uma das mais banalizadas e desvalorizadas! Parece que qualquer um pode dar palpite sobre questões da educação, que qualquer um pode dar aula e, mais grave ainda, que se pode tratar o Professor de qualquer jeito! É um profundo desrespeito e um ato lesa-pátria, em função dos enormes prejuízos para a Nação!

Percebemos que, mais frequentemente do que desejaríamos, o próprio Professor não tem noção da importância do seu trabalho, não valoriza suficientemente sua atividade, está com autoestima muito baixa. É certo que existem fatores objetivos para isso, mas, se ele mesmo não vê sentido, não vê valor naquilo que faz, a situação fica muito mais complicada ainda. Ficamos muito aflitos quando, ao se aproximar o 15 de outubro, vemos algumas manifestações de colegas dizendo “*Não temos nada a comemorar!*” Como assim? Se dissessem “*Não temos nada a comemorar em relação às nossas justas reivindicações*”, compreenderíamos, visto que, com frequência, as reivindicações da categoria não são atendidas como deveriam. Mas, se o colega Professor, no dia que se comemora sua atividade profissional, diz que nada tem a comemorar, é preciso problematizar esta afirmativa. Se não está encontrando algum tipo de satisfação, de realização, de sentido sendo Professor, deve procurar ajuda! Quem de nós já não sentiu, em algum momento da trajetória, dificuldade, desorientação, dúvida, vontade de desistir? Isto faz parte da vida humana concreta de todo Professor. No entanto, se, depois de procurar ajuda, tiver certeza de que não quer mesmo ser Professor, caberá a solicitação de demissão, deixando o lugar para alguém que, de fato, queira ser Professor; todavia, isto é uma exceção.

As diferentes situações em que se encontram os Professores têm, como pano de fundo, uma verdadeira armadilha, historicamente montada, para eles.

① Desmonte Social (desde a profunda desigualdade social, passando a Família e a terrível visão reducionista, dicotômica, que não consegue ver o todo, nem as contradições)

② Desvalorização da Educação Escolar e dos Educadores (desmonte material e simbólico da escola e do professor, o que provoca, entre outras coisas, precárias condições de trabalho)

③ Longuíssima tradição do Currículo Disciplinar Instrucionista (fragmentação do saber, passividade) e da Avaliação Classificatória e Excludente (avaliar tendo em vista classificar para excluir, e não para qualificar)

④ Formação Frágil do Professor (fragilidade da formação oferecida e da assimilada – reflexo do *Imprinting* Escolar Instrucionista: todo mundo que passou pela escola acha que sabe o que é ser professor e que, portanto, não precisa de formação para tal)

⑤ Justificativas Ideológicas para Fracasso Escolar (lógica da responsabilização da vítima: o problema está, “evidentemente”, no aluno e/ou na sua família).

Percebam que não se trata de cinco armadilhas, mas uma armadilha com cinco elementos. É um verdadeiro círculo vicioso, que precisa ser rompido!

Professor: nem vítima, nem vilão. Sujeito de Transformação!

Existem algumas exigências que vão ficando cada vez mais claras para cada vez mais setores da sociedade. Se desejamos que o país tenha um desenvolvimento humano, social e econômico sustentável, em grandes linhas, é preciso cuidar da:

- Formação Docente
- Salário/Plano de Carreira/Concurso
- Condições de Trabalho
- Família assumir suas responsabilidades na educação básica dos filhos
- Valorização Social da Escola e dos seus Profissionais.

A mudança da situação educacional não irá se dar automática ou espontaneamente. É preciso empenho, organização e muita luta. A seguir, apresentamos alguns pontos básicos para o resgate das condições para o exercício com dignidade da atividade docente.

- Tornar a carreira do magistério realmente atrativa para que tenhamos pessoas que desejem profundamente ser professores;
- Revisão imediata da formação inicial do professor
- Recuperação justa e impreterível dos salários dos profissionais da educação;
- Professor ser contratado para participar amplamente da realização do Projeto Político-Pedagógico e não apenas para “dar aula”;
- Respeito profissional: professor na condição de sujeito (não de objeto);
- Definição de plano de carreira;
- Concursos para preenchimento de cargos (concursos por segmento de trabalho)¹; fim de nomeações políticas;
- Investimento na formação continuada;
- Estabelecimento do número máximo de alunos por sala (ou por educadores), de acordo com as etapas e modalidades de ensino;
- Garantia de instalações e equipamentos (quantidade e qualidade);
- Garantia de manutenção da escola;
- Projeto arquitetônico adequado ao Projeto Político-Pedagógico. Romper arquitetura fabril/prisional das escolas;
- Quadro de funcionários completo na unidade escolar;
- Diminuição da rotatividade da equipe (professores, funcionários, grupo de gestão);
- Garantia de espaço de trabalho coletivo constante na escola (reunião pedagógica, semanal, hora-atividade; HTPC/ATPC);

¹. Nos concursos gerais, acabamos tendo professores atuando, por exemplo, na Educação Infantil ou na Educação de Jovens e Adultos sem a menor afinidade com estas temporalidades dos educandos. Nos grandes centros, o concurso regional evita grandes deslocamentos dos professores (diminuindo a tensão para a remoção e conseqüente rotatividade).

- Fortalecimento da Coordenação Pedagógica;
- Gestão democrática do sistema de ensino;
- Fiscalização por parte da sociedade da aplicação das verbas da educação;²
- Exigir que recursos cheguem no tempo certo à escola (ex.: material didático, merenda, uniforme);
- Discutir a aplicação dos recursos públicos (orçamento participativo);
- Envolvimento da sociedade na discussão dos problemas escolares (Conselho Tutelar, juízes, promotores, associação comercial, meios de comunicação, sindicatos, partidos, etc.);
- Apoio de profissionais competentes (ex.: Ordem dos Advogados do Brasil-OAB) para preparar processos bem fundamentados e documentados contra governantes e/ou educadores corruptos ou relapsos;
- Criação de um Conselho Nacional do Magistério (e de um Código de Ética);
- Programa Nacional do Livro para a Licenciatura e Pedagogia (PNLLP). Governo garantir compra para os alunos de algumas obras clássicas da pedagogia, incentivando traduções; convênio entre Universidade e Editoras;
- Retomada da discussão dos 200 dias letivos; flexibilizar entendimento de dia letivo quando se trata de efetiva formação do professor (até 20 dias, como era a dúvida de Darcy Ribeiro na elaboração do projeto da nova LDB: aula ou formação). Resgatar o espírito da lei: que os alunos aprendam mais e melhor. A formação pode ser um caminho para isto;
- Resgate da Orientação Educacional nas escolas;
- Contrato de Autonomia com escolas (pautado na avaliação dos resultados).

3.Fortalecendo a Potência Docente

Há homens [e mulheres] que lutam um dia e são bons
 Há outros que lutam um ano e são melhores
 Há aqueles que lutam muitos anos e são muito bons
 Mas há aqueles que lutam a vida toda
 Estes são os imprescindíveis.

Bertolt Brecht

Nos fizeram desacreditar de nós mesmos, do nosso valor, de nossa importância, do nosso poder, de nossa capacidade de provocar mudança. Diante disto, muitos colegas Professores se questionam: “*Qual o sentido do meu trabalho?*”, “*Uma andorinha não faz verão...*”

Muitas vezes, nós educadores —pais e professores— sentimo-nos muito pequenos, **impotentes** mesmo, frente ao poder do sistema: profundas desigualdades sociais e

².É comum computar-se como despesas educacionais gastos que nada tem a ver com educação, além dos problemas graves de corrupção.

econômicas, jogo de interesses políticos, força dos meios de comunicação (imposição de necessidades de consumo, moda, valores ou contravalores), lentidão do judiciário, tráfico de drogas, a força dos preconceitos, assassinatos, etc. A partir disto, passamos a desvalorizar nossa tarefa educativa: que importância pode ter a ação de um pai de família ou de uma professora diante de um mundo que, frequentemente, parece indicar para a direção da manipulação, da alienação, da desumanização?³

Há a ilusão do poder: “*Se eu estivesse num lugar de poder, aí sim teria condições de fazer algo diferente, relevante*”. A História, no entanto, tem nos ensinado que de pouco adianta o sujeito estar num lugar privilegiado na rede do poder se não tiver pessoas que também desejem exercer o poder de modo diferente. A professora que atua na periferia da cidade pondera: “*Que relevância pode ter meu trabalho aqui, com estas crianças? Se eu fosse coordenadora pedagógica ou diretora de uma escola do centro, daí sim poderia fazer um trabalho mais significativo*”. Torna-se coordenadora, e descobre que, das 12 professoras que atuam na escola, na verdade, só pode contar com 5, pois as demais ou não estão efetivamente comprometidas com o trabalho na escola, ou jogam contra! Não queremos aqui poupar ninguém de suas responsabilidades e contradições, mas o que Barack Obama — primeiro presidente negro dos EUA, que tinha como lema de campanha “*Sim, nós podemos*”— descobriu em menos de um ano de governo? Se não seguisse certas determinações do sistema financeiro, vinte ou trinta aplicativos transnacionais, com um *clac* no *mouse* de seus computadores, poderiam quebrar a economia do país. Ou seja, sim, nós podemos chegar ao poder, mas para exercê-lo de modo diferente é preciso uma grande rede de pessoas que também queiram fazer de forma diferente (que sintam, pensem e ajam diferentemente do que uma maioria tem agido). Numa situação bem concreta do cotidiano: ao invés de “*Eu não vou ficar com o troco a mais na padaria porque há uma câmara filmando*”, ter uma outra postura “*Não, eu não vou ficar porque o dinheiro não é meu, isto não é bom, não é certo, não me faz bem*”, qual seja, por uma questão de valor internalizado. Ora, onde é que se dá esta internalização de valores? Justamente na família e na escola básica! Em uma relação de pertença e de formação na direção da humanização. E estamos de volta ao ponto inicial: a importância da educação numa perspectiva libertadora desenvolvida pelos pais e professores!

Simplificamos demais as coisas? Pode ser. No entanto, não estamos sozinhos nesta linha de reflexão. Só para lembrar alguns pensadores:

■ Morin: *Cada um, no lugar onde se encontra, está na luta inteira*

■ Foucault: *todos aqueles que reconhecem [o poder como abuso] como intolerável, podem começar a luta onde se encontram e a partir de sua atividade (ou passividade) própria*

³. Quem somos nós diante dos “grandes”, dos “sábios” ou dos “sabichões”, dos “doutores”, dos “iluminados”, dos “donos da verdade”, dos “que já chegaram lá”, dos “importantes”, dos “que contam”, dos “gurus”, das “estrelas”, dos “heróis”, dos “bons”, dos “puros”, dos “eleitos”, etc.?

■Marx: *a teoria em si torna-se também uma força material quando se apodera das massas*

■Hegel: *o verdadeiro é o todo*

■Guattari: *uma revolução, uma mudança social em termos macropolítico, macrossocial, diz respeito também à questão da produção da subjetividade*

■Prigogine: *sensibilidade às condições iniciais: pequenas modificações das condições iniciais produzem um efeito que se amplia ao longo do tempo.*

Notem bem: ao trazer estas contribuições não queremos ser arrogantes, mas exercitar o poder que temos a partir de um instrumento básico do nosso trabalho de educadores: o conhecimento! *Palavras para comer!* Lutar com a palavra!

Combinada com esta transform/ação pessoal, deve vir também a transformação institucional e social, para não cairmos na armadilha voluntarista. Recordamos a história que a Profa Sandra Bozza sempre conta sobre dois pescadores que pulavam no rio para salvar crianças que chegavam pela correnteza se afogando. Fizeram isto várias vezes, até que um deles começou caminhar em direção à nascente do rio; o outro, então, questionou: “*Está abandonando a tarefa de salvamento?*”; ele disse: “*Não, estou subindo para ver quem está jogando as crianças no rio!*” No trabalho de transformação da realidade, numa determinada direção, existem muitas tarefas, cada uma delas com um valor singular e insubstituível. Há que combiná-las e não antagonizá-las!⁴

Quem introduz a mudança é o sujeito (individual e coletivo) marcado por uma nova sensibilidade, por uma nova postura, portanto, por uma nova práxis; todavia, face à histórica estruturação equivocada da instituição de ensino (e da sociedade), esta nova postura durará pouco tempo se não se buscar dar alguns passos, ainda que pequenos num primeiro momento, fortalecendo-se ao identificar aliados, fazendo grupo de estudo, criando dispositivos pedagógicos, novas rotinas, novos materiais didáticos, etc., que deem sustentação concreta ao projeto, para não ficar, a todo momento, tendo de “reinventar a roda”, ou na dependência do “humor” de cada um – educadores e educandos. Como afirma Paulo Freire: *O coração da gente muda quando a gente muda o mundo que cria o coração da gente; fora disso, não muda. A gente vai mudando com a mudança que a gente vai fazendo na realidade. É a mudança da realidade que muda a gente.*

Portanto, é preciso considerar as pessoas e as estruturas. É fundamental romper com a visão dicotômica: não se trata de optar por uma coisa ou outra, mas sim de articular uma coisa e outra (e ainda aquilo que vai emergir no processo). *O que constitui o movimento dialético é coexistência de dois lados contraditórios, sua luta e sua fusão numa categoria nova* (Marx).

⁴.Não há o menor sentido entrar na disputa por qual seria o sujeito “mais importante” para a transformação: o professor no chão da sala de aula, o gestor, a comunidade, o aluno, o sindicalista, o político, o poeta, o crítico, o artista, o pesquisador, a merendeira, o formador do professor, o comunicador, o jurista, o intelectual, o orientador, o escritor, o reformador, o autor do material didático, etc.

Como diz Pedro Casaldáliga: *A verdadeira revolução definitivamente transformadora da sociedade humana é tanto psicológica como sócio-político-econômica. Devemos transformar simultaneamente —sublinhem o advérbio para evitar escapismos dualistas— tanto as pessoas como as estruturas!*

Intencionalidade do Ensino e do Estudo

Muitos educadores compreendem que, ao cumprir o sentido maior de humanização, muito além da preparação de mão de obra para o mercado, o trabalho com o conhecimento, a produção do sentido na instituição de ensino contemporânea passa pela tríplice articulação entre:

● **Compreender** o mundo em que vivemos. Tal perspectiva corresponde ao desenvolvimento da (tomada de) consciência⁵, à necessidade humana fundamental de viver num mundo que faça sentido, de compreensão crítica da condição humana e da realidade nos seus vários campos. Uma vez compreendido, o sujeito pode usufruir o objeto de estudo, partir para o conhecimento de outro objeto, ou transformá-lo;

● **Usufruir** o patrimônio acumulado pela humanidade, isto é, participar do riquíssimo acervo simbólico e material (inclusive para sua sobrevivência), das conquistas histórico-culturais (de maneira consciente, não predatória, sustentável), e sobretudo,

● **Transformar** este mundo, qual seja, colocar este conhecimento a serviço da alteração do currículo Pessoal (superar-se, vocação histórica e ontológica de ser mais), assim como do currículo da *Polis* (construção de uma realidade melhor, mais justa, solidária e plena), na perspectiva da formação omnidimensional do ser humano, através do trabalho e do engajamento social, e ser feliz (alegria crítica – *docta gaudium*)!

Este horizonte da transformação nos remete à Zona de Autonomia Relativa (ZAR). Denominamos Zona de Autonomia Relativa o espaço compreendido entre o limite externo (dado pela Natureza e/ou pela Sociedade) e o limite interno (dado pela projeção imaginária e/ou pela efetiva contradição do sujeito/grupo) da ação do sujeito e/ou de uma determinada instituição. A ZAR mostra que a mudança não é fruto de condições ou pessoas “excepcionais”, mas de explorar possibilidades presentes na realidade, o *ainda-não* (Bloch), o *inédito viável* (Freire).

Grandes Alegrias da Docência

Tem-se falado muito das agruras da docência, das dificuldades para o exercício do magistério. E temos de falar porque isto faz parte da realidade. Mas se, ao mesmo tempo, também não resgatarmos as alegrias da docência, nós mesmos vamos entregando os pontos. Segundo Espinosa, na *Ética*, “alegria é o crescimento da potência”. Precisamos

⁵.Que acompanha o usufruir e o transformar.

resgatar o que nos traz satisfação, realização, fortalecimento da potência, enfim, as grandes alegrias da docência.

Por quê, para quê sou Professor? O que me motiva a ser professor? O que me faz levantar “segunda-feira” e dirigir-me à escola? O que me traz realização no trabalho? Afinal, o que me traz verdadeira alegria na docência?

As grandes alegrias nos remetem ao cerne mesmo da Atividade Docente, ao seu núcleo, àquilo que é mais específico. Se o professor não encontrar sentido em sua atividade, não há condições objetivas que possam realizá-lo.

Dentre as grandes alegrias, elencamos:

●**Atividade Extremamente Relevante:** o Magistério possibilita o prazer de exercer uma atividade de extrema relevância social: a Formação Humana, a Educação (=Humanização) através do ensino, base da cidadania, da democracia e do desenvolvimento (Econômico, Ambiental, Social, Cultural, Político, Humano)

●**Encontro Humano:** o Magistério permite trabalhar com gente, o relacionamento com crianças, jovens e adultos, com suas dificuldades e dramas, é certo, mas também com seus sonhos, com suas fantasias, com seus afetos, com suas trajetórias, com suas riquezas, com suas formas peculiares de ser, enfim, com suas singularidades, na dialética com a universalidade

●**Aprendizagem:** para exercer a contento nossa atividade, precisamos continuar aprendendo ao longo da vida. Isto vale também para outras profissões. Todavia, a aprendizagem do professor tem algumas peculiaridades pelo fato de ter de aprender para ensinar, precisando lidar com a complexidade, com o movimento conceitual, a sistematização, com as categorias de historicidade, totalidade, criticidade, continuidade-ruptura, práxis, etc. Conhecer dá grande prazer!

●**Ensino:** o Magistério propicia o prazer de ensinar, de ver o outro aprender com nossa mediação: é o outro quem cresce —por mais que goste de um aluno, não posso conhecer por ele—, mas com nossa ajuda. Preparamo-nos a vida toda para ser o profissional que somos hoje; dedicamo-nos a estudar, pesquisar, determinada área do conhecimento humano. Agora, no ensino, percebemos que aquilo que faz tanto sentido para nós, faz sentido também para aquelas pessoas, nossos alunos!

Sou profundamente grato aos meus Professores!

Entendo que educador todo Ser Humano deve ser, uma vez que ser educador é ajudar a plasmar humanamente o outro; é uma Pulsão Antropológica!

Eu sou⁶ Professor (com P maiúsculo), o que significa dizer que sou educador de profissão! Esta é a minha forma de intervenção no mundo pelo trabalho!

Tenho o maior orgulho de dizer aos meus filhos, aos meus netos e a quem quer que seja: Sou Professor!!!

⁶.No sentido dialético: Sou (autoestima), Ainda-Não Sou (autocrítica) e Posso Vir a Ser Mais (autossuperação).

Um fraterno e solidário abraço a todas as Professoras e a todos os Professores!
Vamos juntos nesta luta Por Um Outro Mundo e Uma Outra Educação Possíveis!

Brasil, 15 de outubro de 2021
Prof. Celso dos S. Vasconcellos

Professor Celso dos Santos Vasconcellos é Doutor em Educação pela USP, Mestre em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP, Pedagogo, Filósofo, pesquisador, escritor, conferencista, professor convidado de cursos de graduação e pós-graduação. Foi Professor (Educação Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior, Pós-Graduação), Orientador Educacional, Coordenador Pedagógico e Diretor de Escola. É consultor de secretarias de educação, responsável pelo Libertad - Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica. Participa dos coletivos UniProsa-Universidade que versa a prosa, GAP-Grupo Ação Pedagógica, Sementeiras da Transformação/MoANE-Movimento de Alternativas para uma Nova Educação, Grupo de Estudos MDSCA-Metodologia Dialética de Construção do Conhecimento em Sala de Aula.

celsovasconcellos@uol.com.br www.celsovasconcellos.com.br

